

## “LA GÉOGRAPHIE PSYCHOLOGIQUE”

Por *Georges Hardy*

Eis um livro que provocará grande interêsse. Ele o merece por muitos títulos.

Em primeiro lugar, pela própria personalidade do autor. Georges Hardy é ao mesmo tempo um geógrafo abalisado, um esclarecido e ativo membro da alta administração da Educação Nacional em França, e um “colonialista” que, durante vinte e cinco anos, dedicou-se a assuntos humanos nas colônias francesas, especialmente na África Ocidental e na África do Norte.

Em segundo lugar, pelo seu objeto, que consiste em confrontar a Geografia propriamente dita, essencialmente objetiva e material, — pois ela trata dos aspectos da superfície terrestre — com a alma humana, múltipla e diversa. “Se o estudo dos fatos materiais”, diz o autor, “que constitue a tarefa familiar à Geografia — a habitação, a estrada, a exploração dos recursos do solo, do sub-solo e das águas — é levado ao extremo, já não será mais possível a esta ciência limitar-se às relações entre a natureza e os homens em carne e osso; ela é fatalmente conduzida, por pura probidade científica, a ultrapassar o limiar da alma” (pág. 11). A Geografia Psicológica nada mais é, nessas condições, do que “o coroamento indispensável da Geografia Humana”.

Por último, pela finalidade que o autor indica a uma tal Geografia, a saber: não somente enriquecer o campo dos conhecimentos humanos para a satisfação dos intelectuais, mas também colaborar eficazmente na “compreensão mútua” dos povos, desenvolver em nós mesmos, apurar, manter “sempre desperto, o senso psicológico, com tôda a indulgência e germes de simpatia que êle contém” (pág. 183). Ideal seguramente nobre, neste mundo humano, nesta Torre de Babel, onde “se fazem juízos insensatos sôbre os sentimentos e as intenções do aliado ou do adversário” e onde “*on se cherche les uns les autres en s'indignant*”.

O capítulo primeiro, intitulado “Objeto e método”, é digno de meditação. Nele esforça-se o autor em reduzir às suas finalidades e dimensões exatas esta Geografia Psicológica, cuja tarefa consiste em “determinar a localização dos fenômenos de psicologia coletiva na superfície do planeta e, nos devidos casos, a contribuição desses fenômenos nas relações entre o homem e a natureza” (pág. 14). Definição acertada. Mas êle não dissimula a dificuldade que há em conservar um valor científico em tais pesquisas. Os geógrafos tem-se mostrado até agora extremamente circunspectos nesse domínio, por temor de cair “num determinismo e num finalismo ingênuos” ou “na imaginação, na fantasia, nos truismos e na falsa ciência” dos geógrafos improvisados. E’ certo que, desde Homero e Heródoto, nenhuma descrição verdadeira da Terra silenciou a respeito da côr psicológica própria de cada paisagem humana; entre parêntese, é de se admirar um pouco de não se ver aparecer, entre outros nomes de importância, o de Elisée Reclus, em cujos trabalhos essa preocupação transparece incessantemente. Mas, além dos casos tão frequentes, em que dominou o conceito literário, diferente de uma época para outra, no conjunto tem havido a preocupação do Homem Universal, entidade abstrata, à qual tem-se querido reduzir as diferenças entre povos, consideradas como simples “*nuances*”; as “ciências do homem”, que o positivismo favoreceu, perpetuaram a ilusão unitária. Não competirá à Geografia dar-lhes uma base concreta e estável, êste “contacto do solo, sobretudo de um certo solo, bem determinado, que impede o espírito de divagar”, como diz A. Siegfried?

Georges Hardy enumera alguns "erros de orientação" que impediram a Geografia Psicológica de tomar a forma definitiva duma disciplina científica. A maior parte desses erros nasceu da tirania da História; outros, de preocupações políticas, de preocupações de ordem moral, de ambições excessivas conduzindo a sínteses prematuras; ou da ilógica necessidade de explicar antes de ter observado, analisado e descrito, e de formular leis antes de ter coordenado e verificado a matéria. Essa muito antiga ciência é ainda pueril. Já é tempo para ela de indagar, antes de saber se o caráter dos homens depende ou não do meio físico, quais são, com precisão e em sua individualidade, os fatos incontestáveis de psicologia coletiva. Atitude prudente e paciente. O que é, antes de tudo, necessário, é fazer o inventário dos hábitos de uma dada coletividade, "esforçando-se em deduzir a sua significação mental e moral: hábitos corporais, hábitos materiais, como a habitação, o vestuário, a higiene, os gêneros de vida, os meios de transporte, — hábitos morais, hábitos sociais, hábitos propriamente psíquicos" (pág. 31). Sem abster-se das "sínteses de reconstituição", ou, em outras palavras, dos quadros de conjunto, nem, conforme a oportunidade, das "sínteses explicativas" patenteadoras das relações entre os fatos observados, a Geografia Psicológica, ainda se iniciando e tateando como ciência verdadeira, não pode pretender ser um "conhecimento abstrato das relações gerais entre os fatos", ou, em outros termos, das leis. Não é o caso de toda a Geografia Humana?

E' nessas bases que G. Hardy estabelece seu original ensaio. A primeira parte, intitulada "*Os fatos de expressão*", é uma espécie de catálogo de tipos de hábitos que exprimem a psicologia dos grupos humanos. Ele os classifica, conforme já tinha adiantado no início da obra, em: hábitos corporais, hábitos materiais (alimentação, vestuário, habitação, higiene e medicina, transportes, horizontes de trabalho), hábitos morais, hábitos sociais, hábitos psíquicos. A matéria é extremamente rica, haurida das observações diretas do autor, ou em obras as mais diversas. Ele não pretende, certamente, esgotar o assunto, mas sim dar exemplos destinados a mostrar em que sentido podem ser dirigidas as pesquisas. Seria fácil multiplicar esses exemplos. Trata-se, em suma, de todas as observações possíveis sobre as manifestações exteriores do pensamento, dos sentimentos, da mentalidade dos diversos grupos humanos, desde os gestos de polidez até a organização social, passando pela concepção da habitação, das formas de casamento, dos ritmos religiosos, em resumo, tudo o que interessa à antropologia e à sociologia, mas também, sem dúvida alguma, à Geografia Humana, embora não seja sempre fácil relacionar diretamente ao solo todos os fatos desta ordem. Um trabalho de triagem deve ser feito no inverosímil "*bric-à-brac*" dos fatos de psicologia coletiva.

Os fatos a considerar devem em qualquer caso traduzir-se por um "minimum" de "fatos de superfície"; é preciso que eles tenham provocado, em suma, uma transformação da paisagem. Donde a segunda parte do estudo, a mais original e a mais fecunda, e que se intitula: "*A paisagem psicológica e os quadros de investigação*". Essa noção não é, sem dúvida, absolutamente nova. Sem que seja preciso lembrar Michelet e suas intuições mal controladas, há descrições de Vidal de La Blache que são impregnadas duma "psicologia" bem penetrante. O autor lembra, por outro lado, um curioso artigo de L. Aufrère (*Annales de Géographie*, 15 set. 1936) que insiste sobre o valor geográfico da "paisagem espiritual", transfigurada pelos monumentos humanos. Os quadros de investigação podem ser, conforme o caso, étnicos, nacionais, regionais, urbanos, técnicos ou econômicos, sociais ou religiosos. O essencial é que a investigação seja objetiva e segura. Mas haveria, pergunta o autor, "uma psicologia especial não somente às regiões, mas também aos diferentes tipos de regiões, ao que se poderia chamar os quadros naturais"? A floresta densa, a savana, o delta, a estepe, a "bocage", a montanha, não teriam imposto aos seus ocupantes grupos de há-

bitos comuns? Eis-nos justamente no centro dos problemas. No conjunto as respostas parecem dever ser afirmativas, e há de fato “paisagens psicológicas”, variadas, com “nuances”, mas distintas. Será importante precisar-lhes a noção.

Um último capítulo aborda a questão das *Explicações* possíveis, isto é, a parte propriamente científica, e a mais delicada, destes estudos. Limitando-se mesmo apenas aos hábitos coletivos bem caracterizados e bem localizados, quantas influências se entrecruzam! O autor passa em revista as principais fontes de influência para as quais mais comumente se apela: o “primitivo do espírito humano”, segundo a expressão de Renan, e é preciso confessar que êle parece bastante convencional, — a raça, conceito obscuro do qual se abusa tão rápida e perigosamente, — o meio físico, que age incontestavelmente, mas em condições por vêzes difíceis de se estabelecer e das quais não temos ainda “sinão generalizações apressadas e frequentemente abusivas”, — a História, que ganha, no domínio das explicações, o que perde o meio físico, — as condições demográficas ou “determinismo do número” (R. Michaud). Estas diversas influências estão longe de agirem simultaneamente, mas é raro que o façam isoladamente, elas se combinam, complicando-se ainda mais a análise das mesmas. Supondo-a completa, poder-se-á pensar que de eliminação em eliminação chegar-se-á aos “caracteres de origem irreductível”, isto é, a uma confissão final de ignorância bastante decepcionante. Mas o esforço merece ser tentado.

Este rápido resumo não pode mostrar sinão o esqueleto de um livro extremamente vivo pela sua riqueza em anotações pitorescas. Êle constituiria desde logo, uma coleção sugestiva de costumes os mais diversos; nenhum dos breves comentários que os sublinham carece de sabor, nem tão pouco as inúmeras citações de viajantes, sociólogos, romancistas. Eis, a propósito dos hábitos de higiene: “o exame dos utensílios destinados à limpeza, das instalações sanitárias, dos objetos de *toilette*” é dum interesse indubitável: uma geografia da escôva de dentes, entre outras, provocaria surpresas, e que não seriam sempre favoráveis à velha Europa”. Eis R. Michaud confrontando a mímica do Americano com a do Latino: o primeiro “proíbe a si mesmo os mil e um gestos, graças aos quais o Latino esgota quotidianamente o transbordamento de sua sensibilidade e que o conserva enfim numa normal psicológica tonificante. Êle armazena e acumula seus sentimentos, êle os solta por meio de explosões, socos, tiros, acessos de neurastenia ou de loucura”. Ou ainda, eis Salvador de Madariaga insistindo, a propósito da psicologia comparada dos ingleses, franceses e espanhóis, “sôbre as três palavras *fair-play*, *droit* e *el honor*, que lhe parecem estar respectivamente no centro dessas almas coletivas”.

Como em todos os livros desta coleção, a ilustração é abundante e digna de atenção. Ela se compõe exclusivamente de fotografias da África do Norte, particularmente familiar ao autor, que “quis dêste modo demonstrar que qualquer país tomado ao acaso se prestaria facilmente ao gênero de pesquisa” que êle propõe.

E certamente a bela seleção de vistas que êle nos oferece, é satisfatoriamente demonstrativa, desde o “*kateb*” (escriba) de Bou Saada caligrafando uma surata do Corão, ao “*méchoui*” (divisão do carneiro assado por ocasião de uma festa mussulmana), ao cemitério Cabila, à festa das mulheres indígenas e à fazenda-escola de Bertheaux.

Talvez não seja bem exato afirmar que o “primeiro país considerado” se prestaria tão bem quanto qualquer outro. A tarefa da Geografia Psicológica, com efeito, parece extraordinariamente difícil nos velhos países muito evoluídos, como a maior parte dos países europeus: não somente a separação das condições naturais, que é a marca das civilizações adiantadas, faz facilmente per-